



Ética e trabalho: desafios para a vivência na contemporaneidade

*Tiago Gama do Nascimento¹; Fernanda Coelho de Figueiredo Soares Nascimento²;
Júlio Cezar Costa Ramos³; Allan Richards de Melo Nunes Morais⁴;
Andrey Tavares da Silva⁵; Francisco Ricardo Duarte⁶*

Resumo: A concepção de trabalho sofreu algumas modificações até chegar na ideia atual que se tem sobre este. A forma como o ser humano enxerga o trabalho, a moral e a ética na sociedade atual é carregada das influências históricas sobre o conceito que se tinha sobre o labor, desde a antiguidade até os tempos atuais (Siqueira, 2008). Diante de uma formação tão diversificada, a percepção de trabalho é bastante particular a cada indivíduo e essa diversidade de concepções resulta em um ambiente de trabalho contemporâneo potencialmente conflituoso. O objetivo foi analisar de que forma a percepção humana a respeito do trabalho influencia o espaço corporativo e qual o caminho para uma conduta ética no ambiente profissional? Os resultados levaram a crer que por mais que a motivação para o trabalho sejam distintas, ética e trabalho só podem existir simultaneamente se buscarem o bem comum, que pode ser da humanidade, da sociedade, de uma nação ou de uma empresa em particular.

Palavras-chave: Trabalho, Ética, Desafios éticos.

Ethics and Work: Challenges for a Contemporary Living

Abstract: The conception of work has undergone some modifications until arriving at the current idea that one has on this one. The way human beings see work, morals and ethics in today's society is loaded with historical influences on the concept of labor, from ancient times to the present (Siqueira, 2008). Faced with such a diversified training, the perception of work is very particular to each individual and this diversity of conceptions results in a potentially conflicting contemporary work environment. The objective was to analyze how human perception about work influences the corporate space and which way to ethical conduct in the professional environment? The results have led one to believe that however motivated the work may be, ethics and work can only exist simultaneously if they seek the common good, which may be of humanity, of society, of a nation or of a particular enterprise.

Keywords: Work, Ethics, Ethical challenges.

¹ Graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Especialização em Estruturas de Concreto e Fundações pela Universidade Cidade de São Paulo.

² Universidade Federal Vale do São Francisco – UNIVASF;

³ Universidade Federal Vale do São Francisco – UNIVASF. Autor Correspondente. Contato: julioocr@gmail.com;

⁴ Especialização em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Mestrado em Administração Pública pela UNIVASF;

⁵ Graduação em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade Norte do Paraná, Brasil.

⁶ Universidade Federal Vale do São Francisco – UNIVASF.

Introdução

Ética é a parte da filosofia que estuda os fundamentos da moral. Esta, por sua vez, consiste em um conjunto de princípios e valores de conduta do homem (CUNHA, 2015). De forma simples, o trabalho pode ser entendido como qualquer ocupação manual ou intelectual.

Apesar desses três termos serem passíveis de definições simples, estudar o relacionamento da ética e da moral com o trabalho consiste em entender qual a concepção que o ser humano tem sobre o labor (a partir de muitas percepções históricas) e, além disso, considerar a subjetividade humana, como cada ser encara a realidade do trabalho, quais são os seus objetivos, desejos e sentimentos quando trabalha. É importante, ainda, considerar que a faceta profissional é apenas um dos muitos aspectos dos humanos e não pode ser dissociado dos outros. Ética e trabalho, portanto, relacionam-se tão quanto a ética está relacionada a todas as atividades humanas.

Ante o exposto nos indagamos: de que forma a percepção humana a respeito do trabalho influencia o espaço corporativo e qual o caminho para uma conduta ética no ambiente profissional?

Material e Método

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, baseada principalmente nos autores a seguir: Siqueira (2008), Cotrim e Fernandes (2010), La Taille, Souza e Vizioli (2004), Cabral (2018), Souza Filho (2015) e Bennett (2012), relacionados aos temas: ética, moral, trabalho e a relação entre ética e trabalho.

O material foi sistematicamente categorizado por assunto; prosseguiu-se o trabalho com a leitura dos livros e trabalhos selecionados e a posterior síntese e exposição escrita dos tópicos mais relevantes.

Contextualização Histórica

A concepção de trabalho sofreu algumas modificações até chegar na ideia atual que se tem sobre este. A forma como o ser humano enxerga o trabalho, a moral e a ética na sociedade atual é carregada das influências históricas sobre o conceito que se tinha sobre o labor, desde a

antiguidade até os tempos atuais (Siqueira, 2008). Diante de uma formação tão diversificada, a percepção de trabalho é bastante particular a cada indivíduo e essa diversidade de concepções resulta em um ambiente de trabalho contemporâneo potencialmente conflituoso.

Problemática

A sociedade atual vive sérios problemas por desvios de moral e ética. O desrespeito ao direito do outro impera neste país, no qual o egoísmo e o individualismo estão cada vez mais enraizados na coletividade. Marcondes (2017) está alinhado com essa afirmação ao dizer que “tem se tornado um lugar comum entre nós a constatação de que vivemos uma crise da ética”. O ambiente profissional é mais um espaço onde as individualidades se confrontam, gerando conflitos que podem ser evitados com a discussão profunda relacionada à ética e ao trabalho.

Contribuições da literatura

Ética e moral

Antes de relacionar ética e trabalho, faz-se necessário trazer a definição de ética e, além disso, diferenciá-la de moral. Cotrim e Fernandes (2010) definem moral como o conjunto de normas que orientam o comportamento humano. Acrescenta-se ainda que os valores próprios a uma dada comunidade, ou cultura, formam a base para esse conjunto de normas. Portanto, a existência de códigos morais distintos é resultado das diferenças que podem existir entre os valores de comunidades diferentes (no tempo e no espaço).

Comumente, dá-se à ética a mesma definição de moral supracitada, “quando se diz, por exemplo, que uma pessoa não tem ética, normalmente significa que ela não pauta suas condutas por regras que, se seguidas, evitariam que alguém fosse, de alguma forma, por ela prejudicado” (LA TAILLE, SOUZA E VIZIOLI, 2004). Spitz (1995, apud LA TAILLE; SOUZA E VIZIOLI, 2004) avalia que o termo “ética” é muito utilizado por aqueles que desejam falar de moral sem ousar usar tal palavra: “a palavra moral ‘assusta’, tem uma conotação autoritária, ‘moralista’, e é de bom tom evitá-la” (LA TAILLE, SOUZA E VIZIOLI, 2004). Cotrim e Fernandes (2010) acrescentam sobre a temática:

A palavra ética, por sua vez, vem do grego *ethikos*, “modo de ser”, “comportamento”. Portanto etimologicamente os dois termos querem dizer quase a mesma coisa. No entanto, ética designa mais especificamente a disciplina filosófica que investiga o que é a moral, como ela se fundamenta e se aplica. Ou seja, a ética estuda os diversos sistemas morais elaborados pelos seres humanos, buscando compreender a fundamentação das normas e interdições (proibições) próprias a cada um e explicar seus pressupostos, isto é, as concepções sobre o ser humano e a existência humana que os sustentam (COTRIM; FERNANDES, 2010, p. 327).

Desta forma, diferencia-se a moral da ética afirmando que a primeira consiste no conjunto de valores, princípios e regras que norteiam uma determinada sociedade, em um determinado espaço temporal, enquanto a segunda é a reflexão sobre a moral, discutindo seus fundamentos, conteúdos e o valor de suas máximas. La Taille, Souza e Vizioli (2004) aprofundam um pouco a discussão a respeito dessas duas definições ao afirmar que a moral se refere à dimensão do dever enquanto a ética diz respeito à dimensão da felicidade.

Não há pretensão de se esgotar o assunto ética e moral neste trabalho, apenas pretende-se esclarecer que a moral está relacionada a normas e a algum recorte de espaço/tempo, podendo, portanto, ser mutável. A ética, por outro lado, é “uma disciplina teórica sobre uma prática humana. [...] A ética orienta-se também pelo desejo de unir o saber ao fazer, ou seja, busca aplicar o conhecimento sobre o ser para construir aquilo que deve ser” (COTRIM; FERNANDES, 2010).

Para finalizar a reflexão a respeito de moral e ética, traz-se um pensamento de Comte-Sponville e Ferry (1998, apud LA TAILLE, SOUZA E VIZIOLI, 2004): “a moral corresponde à pergunta ‘como devo agir?’, e a ética a outra: que vida quero viver?”. A moral, portanto, estará normalmente relacionada à obediência às normas da sociedade, a quanto um ser humano consegue se adaptar às regras da época em que vive. A ética, por outro lado, estaria ligada aos anseios do ser humano, à dimensão do prazer e felicidade.

O trabalho e a subjetividade humana

Para falar do trabalho e da forma como o ser humano se relaciona com este, pretende-se voltar um pouco no tempo e entender historicamente como os humanos se relacionavam com o trabalho nas concepções grega e cristã.

Na antiga Grécia, havia duas concepções de trabalho: o trabalho relacionado à política na organização e na administração da sociedade – visto como sublime – e o trabalho pejorativo, visto como uma condenação à busca pela sobrevivência (SIQUEIRA, 2008).

Na mitologia grega, em particular no mito de Sísifo, há um exemplo do entendimento pejorativo do trabalho braçal. Sísifo, filho do vento, foi condenado pelos deuses a rolar diariamente uma pedra até o topo de uma montanha. O peso e o cansaço fariam a pedra rolar novamente até o chão e, assim, todos os dias esse trabalho teria que se repetir (CABRAL, 2018). Mattos e Ferreira (2005) definem o castigo (trabalho) e a vida de Sísifo como sem futuro, voltado para a única perspectiva que consegue vislumbrar: a espera da morte. Os deuses puniram Sísifo com uma atividade inútil e sem esperança. Siqueira (2008) faz uma conexão entre esse mito e a atualidade:

O mundo de hoje não nos livrou da condenação de Sísifo. O trabalho ainda é visto como um desafio, um fardo, um peso sem o qual a vida individual e societária inexistiria. Ao contrário da condição de Sísifo, que foi obrigado a trabalhar, no mundo contemporâneo o trabalho pode ser concebido como um sacrifício voluntário que todos nós fazemos para construirmos a vida societária e o futuro da humanidade. Se, por um lado, os deuses condenaram Sísifo a um trabalho árduo, inútil e sem esperança, por outro lado, os homens modernos vêem no trabalho um meio de salvação: querem se refazer como homens e superar a sensação de inutilidade, confusão e falta de sentido na vida, algo tão comum ao ser humano quando este vive no ócio (SIQUEIRA, 2008, p. 29).

É fácil encontrar pessoas que vivem, hoje, a mesma condenação de Sísifo; o sofrimento pela rotina do trabalho, principalmente quando se trata de atividades repetitivas e que não exigem muito da concepção grega do trabalho sublime, que organiza e impulsiona a sociedade; é a condenação do trabalho pela sobrevivência.

Outra forma de enxergar o trabalho por meio da mitologia grega é através do mito de Ícaro, filho de Dédalo. Este último era considerado um dos homens mais habilidosos e criativos de Atenas. Segundo Siqueira (2008), um dos maiores feitos de Dédalo foi construir um grande labirinto para aprisionar o Minotauro a pedido do Rei Minos de Creta. Mas, por ajudar a filha do rei a fugir com Teseu, Dédalo foi condenado à prisão, junto com seu filho, na sua própria invenção.

Por conhecer o labirinto considerado intransponível e por saber que seria impossível escapar por terra ou por mar (controlados pelo Rei Minos), Dédalo, com a ajuda de seu filho Ícaro, juntou penas de aves de vários tamanhos, amarrando-as com fios e fixando-as com cera, para inventar asas. Dédalo advertiu seu filho para que não voasse nem próximo ao mar para que as asas não fossem molhadas, nem tão alto, próximo ao sol, para que o calor não derretesse a cera que colava as penas. “Inebriado pela sensação de liberdade e poder, Ícaro voou alto demais, esquecendo-se das orientações de seu pai. A cera de suas asas rapidamente se derreteu e ele veio a cair no mar” (SIQUEIRA, 2008).

Siqueira (2008) avalia esse mito como uma revelação de uma faceta importante do homem diante do mundo do trabalho: o exercício, por meio do labor, da natureza humana de criatura criativa.

É importante frisar que a sociedade dita do conhecimento, não livrou o homem do peso laboral bruto. Longe de trabalhar para conhecer e se libertar, o que se desenvolve em nossa sociedade é a ideia e a prática de conhecer para trabalhar, conhecer para entrar no mundo do trabalho, ser um bom profissional (SIQUEIRA, 2008, p. 31).

Apresentados os dois mitos que contam um pouco da concepção grega a respeito do trabalho, tanto a concepção pejorativa quanto a sublime, é importante ainda apresentar um pouco sobre a concepção cristã, que é tão presente na sociedade.

Hoffner (1986, apud SOUZA FILHO, 2015) define o trabalho como “atividade humana consciente, séria e objetiva das capacidades mentais e corporais do homem para realização objetiva de valores que, por sua vez contribuem para a realização do homem”. Tal trabalho, entretanto é percebido de diferentes formas ao longo da história da humanidade, variando ainda de acordo com a cultura e a época da sociedade.

Em relação à concepção de trabalho durante a Idade Média, “Santo Tomás de Aquino (1221-1274), teólogo e filósofo cristão, referia-se ao trabalho como um ‘bem árduo’, por meio do qual cada indivíduo se tornaria um ser humano melhor” (COTRIM; FERNANDES, 2010).

As classes altas, os monges e o clero, dedicavam-se à ciência, arte, gramática, serviço religioso e caritativo (opera liberalia), enquanto que a nobreza se dedicava-se à guerra e à fruição do lazer (caça, jogos e festas na corte), não sendo consideradas estas atividades mais nobres como trabalho (SOUZA FILHO, 2015, p. 144).

Segundo Cotrim e Fernandes (2010), há uma novidade na compreensão de trabalho. De acordo com o cristianismo medieval, o trabalho passou a ser visto como um meio de sofrimento que iria servir de provação e fortalecimento do espírito para alcançar o reino celestial.

Na Idade Moderna, com a ascensão tanto dos ideais humanistas do renascimento quanto da burguesia, há uma transformação na concepção do trabalho. Conforme Cotrim e Fernandes (2010) destacam, foi nesse período que se desenvolveu o protestantismo e o trabalho foi revalorizado, enfatizando-se o sucesso econômico.

Segundo a ética calvinista, o sucesso econômico era visto como bênção divina, para a qual o homem estaria destinado antes mesmo de nascer. Também seria obrigação do homem ter uma vida ativa e lucrativa, pautada pelo trabalho, não se circunscrevendo

apenas ao físico, mas também as atividades científicas, criativas e de ensino (SOUZA FILHO, 2015, p. 144).

Portanto, a partir dessa visão, o ser humano deveria ter uma vida ativa, lucrativa e baseada no trabalho (COTRIM; FERNANDES, 2010).

Trazendo um pouco da concepção de trabalho, na Idade Contemporânea, Cotrim e Fernandes (2010) trazem os pensamentos do filósofo alemão Friedrich Hegel e do filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista Karl Marx. O primeiro define o trabalho como elemento de autoconstrução do ser humano, destacando o aspecto positivo do trabalho, pois o indivíduo, além de se formar e se aperfeiçoar através do labor, pode se libertar pelo do domínio que exerce sobre a natureza. Marx, apesar de também enfatizar o aspecto fundamental do trabalho, destaca o papel negativo deste nas sociedades capitalistas, pois a liberdade do trabalhador assalariado é questionada a partir do momento que este se vê obrigado a vender sua força de trabalho para os detentores dos meios de produção por não ter outra opção de sobrevivência.

Para concluir a revisão acerca das concepções grega, cristã e história do trabalho, são apresentadas as considerações de Souza Filho (2015) a respeito da percepção cristã do trabalho:

O trabalho humano é visto como uma participação na obra de Deus. O trabalho, pois, é um elemento fundamental para a dignidade da pessoa. E não só isso, dá-nos a capacidade de nos mantermos, a nós e à nossa família, mas também de contribuir para o crescimento da própria Nação (SOUZA FILHO, 2015, p. 155).

Em uma direção oposta a essa concepção de trabalho, Siqueira (2008) afirma que a sociedade atual consome o ser, desvaloriza a vida, desvaloriza a subjetividade do sujeito e o transforma em um ser maquinal. A explicação para essa realidade pode ser cultural, conforme a Quadro 1:

Quadro 1: Imperativos culturais segundo Fritjof Capra (1996, apud SIQUEIRA, 2008).

Pensamentos	
<i>Auto afirmativo</i>	<i>Integrativo</i>
Racional	Intuitivo
Análise	Síntese
Reducionista	Holístico
Linear	Não-linear
Valores	

<i>Auto afirmativo</i>	<i>Integrativo</i>
Expansão	Conservação
Competição	Cooperação
Quantidade	Qualidade
Dominação	Parceria

Fonte: Adaptado de Siqueira (2008).

Fritjof Capra (1996, apud SIQUEIRA, 2008) defende que os valores e pensamentos da sociedade estão desequilibrados em direção ao auto afirmativo,

Significa dizer que investimos esforços físicos e cognitivos para construir uma sociedade fundada na ciência, na técnica, na racionalização, na especialização, na materialidade, no pragmatismo econômico. Todo um sistema cultural, econômico, político e intelectual foi construído e alimentado por esse conjunto de pensamentos e valores auto-afirmativos. A balança está desequilibrada, pensa, porque a nossa cultura privilegiou exageradamente os pensamentos auto-afirmativos e os valores auto-afirmativos (SIQUEIRA, 2008, p.32).

Portanto, a solução para uma sociedade mais harmônica seria buscar um equilíbrio entre os pensamentos/valores auto afirmativos e integrativos, implicando “uma proposta ética do homem diante da natureza, da sociedade, da vida e de si mesmo” (SIQUEIRA, 2008).

“Antes o homem buscava adaptar o mundo a seu mundo, hoje é o homem que tenta desesperadamente se adaptar ao mundo que ele mesmo criou” (SIQUEIRA, 2008). O trabalho - que surgiu como uma forma de o homem adaptar o mundo ao seu redor para que atendesse às suas expectativas, seus desejos e necessidades - tornou-se protagonista na sociedade atual. A invenção humana, a máquina, passa agora a funcionar como fonte de inspiração para aqueles que a criaram.

A devastadora lógica da eficácia pela eficácia gera um ser humano fechado em si mesmo, inseguro, medroso, individualista, ansioso, mas habilidoso tecnicamente para suprir as exigências do mercado tecnológico ou as demandas do mundo do trabalho. O homem está competindo com a própria máquina, símbolo de sua criação. A criatura agora serve de modelo para o criador se recriar (SIQUEIRA, 2008, p.33).

Siqueira (2008) ainda defende que nessa sociedade construída em torno de pensamentos e valores auto afirmativos (quantificação, exploração, dominação e acumulação), o homem se torna apenas uma peça de uma engrenagem maior.

Como um exemplo da transformação do homem em máquina, traz-se um tema bastante comum nos hospitais que é a humanização hospitalar. É necessário estar constantemente lembrando a seres humanos que estes estão lidando com outros seres também humanos e que não se trata de máquinas atacando sintomas ou defeitos em outras máquinas.

Em virtude do acelerado processo técnico e científico no contexto da saúde, a dignidade da pessoa humana, com frequência, parece ser relegada a um segundo plano. A doença, muitas vezes, passou a ser o objeto do saber reconhecido cientificamente, desarticulada do ser que a abriga e no qual ela se desenvolve. Também, os profissionais da área da saúde parecem gradativamente desumanizar-se, favorecendo a desumanização de sua prática. Desse modo, a ética, por enfatizar os valores, os deveres e direitos, o modo como os sujeitos se conduzem nas relações, constitui-se numa dimensão fundamental para a humanização hospitalar (BACKES; LUNARDI; LUNARDI FILHO, 2006, p. 133).

Ainda segundo Backes, Lunardi e Lunardi Filho (2006), mesmo em meio a tantos avanços tecnológicos e possibilidades de melhoria da assistência hospitalar e de sua humanização, os recursos parecem estar direcionados à estrutura física dos prédios, à alta e moderna tecnologia e a outros processos que não, necessariamente, resultam em mudanças na cultura organizacional em direção à humanização do trabalho e do cuidado enquanto expressão da ética. Portanto, ressalta-se a importância da “humanização dos humanos”; lembrar aos trabalhadores que não são máquinas nem estão cuidando de máquinas. É necessário deixar um pouco de lado a lógica produtivista para focar um pouco na subjetividade humana, tanto do profissional quanto do paciente.

3.3.3 Ética e trabalho

A exposição dos tópicos acima teve como objetivo mostrar que vários são os fatores culturais, históricos e sociais que influenciam a relação humana com a ética, com o trabalho e com os outros humanos. “O homem profissional expressa apenas uma dimensão daquilo que ele é em sua amplitude. É nesse contexto e nessa dimensão do labor que é possível tratar de ética e trabalho” (SIQUEIRA, 2008). É sensato, portanto, tratar de ética como algo mais universal, mais abrangente, intrínseco ao ser humano em todas as dimensões de sua vida, inclusive no ambiente profissional.

Seria incoerente se alguém que vive uma vida totalmente afastada da ética e da moral conseguisse agir eticamente no trabalho. Nesse sentido, Siqueira (2008) defende uma “ética do gênero humano a partir da qual o homem possa ser considerado dignamente homem

em qualquer situação”, independente de cultura e tempo, uma condição que vai além do profissional. O autor é muito coerente ao enxergar o entrelaçamento da ética com o trabalho: “o trabalho deve passar a ser uma forma do homem melhorar a sua humanidade”.

Dentre os inúmeros problemas relacionados à ética e ao trabalho, podem ser citados os seguintes: fofocas, intrigas, desvios financeiros e materiais, pessoas que não aceitam opiniões e acham que sabem de tudo, “puxadores de tapetes”, uso pessoal do computador e do telefone no horário de trabalho e romance no local de trabalho. Bennett (2012) cita ainda algumas questões graves que podem terminar em brigas judiciais: falsificação de currículos, plágio, sabotagem, assédio sexual (e moral), suborno e violência no local de trabalho. A autora afirma que a ética no local de trabalho se fundamenta em fazer o que a empresa (ou quem paga o seu salário) espera de você e ainda incentiva que se deve perguntar quando não souber qual é a coisa certa a se fazer:

É essencial estabelecer uma comunicação boa e clara no ambiente de trabalho. Algumas empresas trabalham junto aos funcionários para chegar a um consenso acerca dos valores éticos corporativos e, então, os publicam, como um meio de desenvolver o diálogo sobre a ética. Tais diretrizes ajudam as pessoas a parar antes de tomar uma decisão envolvendo questões éticas – uma pausa para considerar todas as ramificações de uma decisão específica: para si, para os colegas, para a gerência e, em alguns casos, para os acionistas (BENNETT, 2012, p. 78).

Focando os relacionamentos no local de trabalho, Bennett (2012) traz algumas consequências indesejadas: há riscos financeiros e legais. Relacionamentos entre superiores e subordinados podem gerar situações desagradáveis: os subordinados podem ter problemas para terminar uma relação não desejada, pelo risco de sofrer vingança e, ainda, podem alegar coação para manter o relacionamento. Outro viés é o risco de os colegas citarem tratamento privilegiado ao subordinado por manter um relacionamento com o superior, o que pode resultar em tratamento diferenciado pelos colegas e o empregador pode enxergar nessa pessoa a causa de problemas interpessoais no ambiente de trabalho. Portanto, relacionamentos no ambiente de trabalho podem causar alguns problemas éticos.

Diniz (2013) traz algumas dicas de como ser ético no ambiente profissional:

- Saber ouvir: ouvir os companheiros de trabalho pode levar o profissional a melhores decisões. Boas ideias podem surgir de onde menos se espera.

- Saber trabalhar em equipe: a união dos potenciais e capacidades dos integrantes de uma equipe normalmente resultarão em maior qualidade do que o trabalho isolado.
- Não fazer fofocas: Na maioria das vezes a fofoca diz mais sobre quem está propagando-as. É ideal se afastar tanto das fofocas quanto das pessoas que costumam propaga-las.
- Não corrigir as pessoas na frente de outras: corrigir as pessoas publicamente só resultará em humilhação e intrigas. Essas conversas devem ser realizadas em locais reservados.
- Apelidos e brincadeiras: devem ser evitados, pois as pessoas tem tolerâncias diferentes a apelidos e brincadeiras e o exagero pode resultar em problemas sérios.
- Pontualidade: “Algumas empresas consideram muito a pontualidade, usando-a como forma de julgar o caráter, competência e comprometimento dos colaboradores”;
- Não abusar do poder: é aconselhável manter sempre uma atitude clara, de respeito e de colaboração com todos;

Considerações finais

É perceptível que a concepção de trabalho varia de acordo com a cultura e a época. Além disso, é fácil notar, na nossa sociedade, pessoas que lidam de formas diferentes com sua própria percepção de trabalho. Há pessoas que se sentem castigadas como Sísifo, deslumbradas feito Ícaro. Há os que veem o trabalho como “bem árduo” para se tornar um ser humano melhor, como afirma São Tomás de Aquino, e há, ainda, os que enxergam o trabalho como meio de sofrimento para que possam se fortalecer e entrar no reino do céu.

Facilmente, ainda podem ser encontrados seres humanos que se identificam com a lógica da vida ativa e lucrativa, conforme defenderam os calvinistas da Idade Moderna. Há os que encaram o trabalho como forma de autoconstrução e ainda os que se veem obrigados a vender a força de trabalho como única forma de sobrevivência. Por fim, ainda, há trabalhadores que se sentem construindo um mundo melhor através da sua atividade.

Diante de tantas concepções diferentes convivendo, muitas vezes, no mesmo ambiente, é sensato perceber o ambiente profissional como um potencial espaço de conflitos. É importante lembrar que são seres com suas subjetividades coexistindo e trabalhando, pelo menos tentando, por algum objetivo coletivo. Não é tão fácil disciplinar os seres humanos como programar

máquinas. Por mais que se faça um esforço enorme, tanto externo quanto interno, para disciplinar os seres como máquinas, é preciso entender que vários fatores diferenciam os criadores da sua criatura.

Aqueles valores e pensamentos que para Fritjof Capra (1996, apud SIQUEIRA, 2008) estão desequilibrados em direção ao auto afirmativo precisam encontrar um equilíbrio em direção aos valores e pensamentos integrativos (holístico, não linear, conservação, cooperação e parceria).

Por mais que as motivações para trabalhar sejam distintas, ética e trabalho só podem existir simultaneamente se buscarem o bem comum, que pode ser da humanidade, da sociedade, de uma nação ou de uma empresa em particular. As dicas e situações de atitudes éticas citadas no ambiente profissional são apenas exemplos que podem ser bem resumidos por Bennett (2012) quando afirma que ser ético no trabalho é fazer o que a empresa espera de você e não agir de forma a prejudicar quem paga o seu salário. Ainda entendendo o profissional apenas como uma faceta do ser humano, uma parte do todo, esse tipo de atitude respeitosa com o outro deve ser um caminho ético a ser percorrido por todos em todos os ambientes.

Referências

BACKES, D. S.; LUNARDI, V. L.; LUNARDI FILHO, W.D.; A humanização hospitalar como expressão da ética. **Rev Latino-am Enfermagem** janeiro-fevereiro/2006.

BENNETT, Carole. **Ética profissional**. Tradução Martha Malvezzi Leal. 2 ed. São Paulo: CengageLearniq; Editora Senac: Rio de Janeiro, 2012.

CABRAL, João Francisco Pereira. "O mito de Sísifo e sua conotação contemporânea"; BrasilEscola. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-mito-sisifo-sua-conotacao-contemporanea.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de filosofia**. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

CUNHA, Carolina. **Ética e moral: Qual é a diferença?** 06 nov. 2015. Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/etica-e-moral-qual-e-a-diferenca.htm>>. Acesso em: 04 mar. 2018

DINIZ, Lumara. **Ética nas relações no trabalho**. 28 out. 2013. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/etica-nas-relacoes-no-trabalho/73845/>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

LA TAILLE, Y. de; SOUZA, L. S.; VIZIOLI, L. Ética e educação: uma revisão da literatura educacional de 1990 a 2003. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 91-108, 2004

MARCONDES, Danilo. **Crise da ética e sociedade brasileira**. 03 Mai. 2017. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/crise-da-etica-e-sociedade-brasileira/>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

Mattos R.M.; Ferreira R.F. O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado. **Estudos de Psicologia**, 2005. janeiro-março;22(1):23-32

SIQUEIRA, Ailton. Ética e trabalho. **CONTEXTO** - v.3, n.3, jan-jul/2008, p. 27-44

SOUZA FILHO, Oscar Vasconcelos de. Visão Cristã do Trabalho. **Revista de Magistro de Filosofia**. Ano VIII. N. 15. Anápolis-GO: Faculdade Católica de Anápolis, 2015.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

NASCIMENTO, Tiago Gama do; NASCIMENTO, Fernanda Coelho de Figueiredo Soares; RAMOS, Júlio Cezar Costa; MORAIS, Allan Richards de Melo Nunes; SILVA, Andrey Tavares da; DUARTE, Francisco Ricardo. Ética e trabalho: desafios para a vivência na contemporaneidade. *Id on Line Rev. Mult. Psic.*, 2018, vol.12, n.42, Supl. 1, p. 832-844. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 14/11/2018;

Aceito: 17/11/2018